

escala

arquitetos + decoradores + designers + vips...

ano 05 nº 26 setembro de 2008



Oscar Niemeyer + Paulo Mendes da Rocha + Richard Horden + Stephen Cherry + Ivo Mareines + Rafael Patalano + Billie Lee + Lydia Haack + Irmãos Campana + Gilson Martins + John Höpfner + Vincent Baranger + Mana Bernardes + Andréa Knecht + Anthony Lebossé + Jean-Sebastien Blanc + Marcela Vieira + Tabitha Von Krüger + Claire Renard + Dzmitry Samal + Stella de Orleans e Bragança + Ana Lúcia Jucá

Oca em flor

Obra, oca, ócio. Dois anos para projetar e construir a casa dos sonhos do cliente: um lugar para, em Angra dos Reis, participar do espetáculo natural, como tão bem fazem os índios. Um local para descansar da rotina profissional e para viver o ócio sem culpa, sem controles remotos e sem sair de casa. Não é à toa que, no projeto dos arquitetos Ivo Mareines e Rafael Patalano (Mareines +

Patalano Arquitetura), o ponto focal esteja na sala de estar, que, ao contrário da maioria, se localiza na parte externa da casa e não tem TV.

Podia ser mais uma casa de fim de semana e férias de Angra, com *layout* parecido com o de tantas outras, mas não é. O cliente não queria e a dupla de arquitetos faz parte da

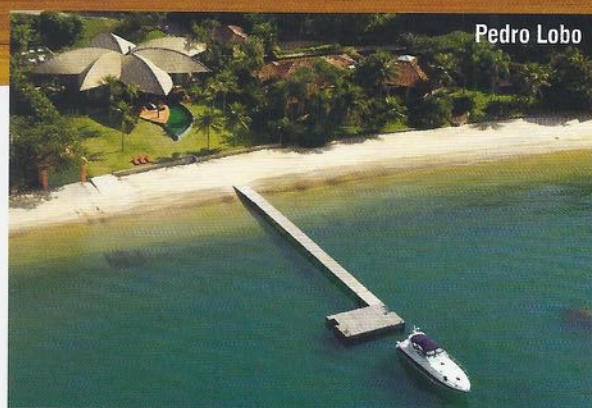
“tribo” que aposta no diferente, na diversidade. Então, surgiu a inspiração no estilo de vida e nas habitações indígenas.

“Na conceituação do projeto, as ocas Camaiurás eram imagens que sempre estavam nas nossas cabeças”, conta Mareines.

Semelhanças — A primeira semelhança começa no alto. Cem por cento do forro da casa são feitos de bambu, material que os índios costumam usar bastante em suas habitações. “O resultado da experiência com a matéria-prima foi surpreendente e já pensamos em usá-la em novos projetos”, comenta Patalano.

A madeira da estrutura das ocas se repete no telhado e na estrutura da casa de 800m² — num terreno privilegiado de 40.000m² — em Angra, na Fazenda Mombaça. No projeto, foram utilizadas vigas de madeira laminada (eucalipto de reflorestamento), compostas com estrutura metálica (pilares de aço SAC 40) e fundação de concreto, feita inicialmente. “Você imagina o que é ter uma obra com uma média de 30 operários, fazendo dois tipos diferentes de estrutura — metálica e as vigas de madeira laminada — ao mesmo tempo? Foi um senhor desafio construtivo, a cargo do nosso pessoal e da Laer Engenharia, pra quem só temos elogios”, destaca Mareines.

Assim como os índios se locomovem pela água, as vigas de madeira laminada chegaram à casa de barco. Isso depois de uma longa viagem de carreta, de Porto Alegre, onde foram executadas pela Esmara Estruturas de Madeira, até o porto de Angra dos Reis, litoral sul do estado do Rio de Janeiro. “Transportando as vigas de 25m de comprimento, a carreta não conseguia fazer as curvas para entrar no condomínio. Desmontá-las não seria interessante, pois haveria perda na resistência e na limpeza do projeto, com a inclusão de parafusos. A saída foi fazer como os índios”, brinca Mareines.





Outra semelhança que não é mera coincidência: as casas não possuem repartimentos internos, paredes divisórias, e a casa na Fazenda Mombaça também não os tem, em seu pavimento térreo. A circulação de ar é livre, totalmente sem barreiras, o que, até agora, tem abortado a necessidade do uso do ar-condicionado. É o chamado resfriamento passivo, um dos pilares da arquitetura sustentável. Menos energia consumida, mais sintonia com o meio ambiente, mais qualidade de vida.

TRANSVERSAL SECTION - SCALE 1:200

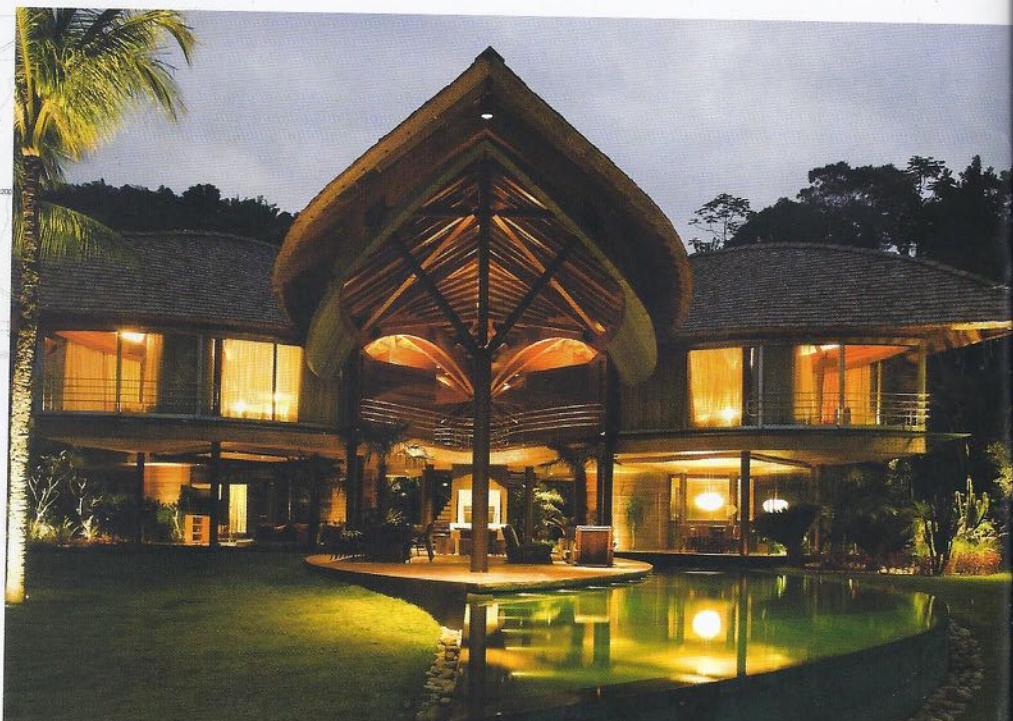
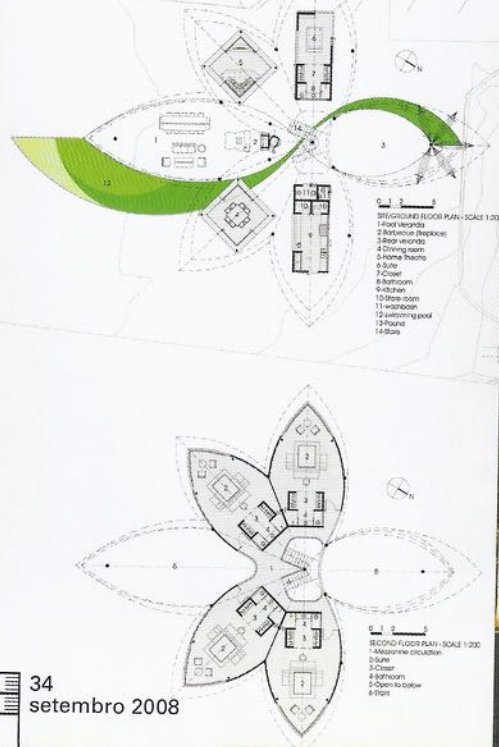
0 1 2 5

LONGITUDINAL SECTION - SCALE 1:200

0 1 2 5

Arquitetura sustentável — Os espaços livres, então, são a essência da casa e têm tudo a ver com a teoria e a prática da arquitetura sustentável. Vale destacar os pés-direitos altos — variando de 6m a 9m nas varandas frontal e posterior; 3m na área interna sob a laje; e de 3m a 5m nas suítes, no segundo pavimento. Os arquitetos estudaram detalhadamente onde deveriam implantar a casa, analisando inúmeros aspectos, como características do entorno, aproveitamento máximo da iluminação natural e por onde o vento entraria e sairia da casa, entre outros.

Isso sem falar na larga opção pela madeira laminada de reflorestamento, pelo bambu e pelos materiais reaproveitados, como madeira de cruzeta de poste, usada no piso térreo, junto com terra e cimento. “Reduzimos as áreas de transparência, para diminuir a entrada de calor na casa, senão viraria um forno. Onde há vidro, ele está sombreado pelas ‘pétalas’ do telhado”, explica Patalano.



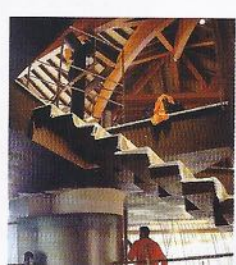
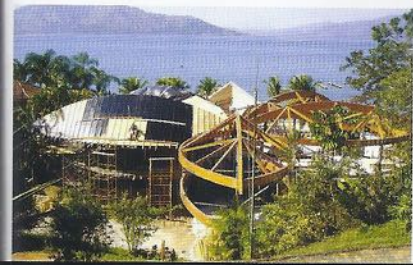


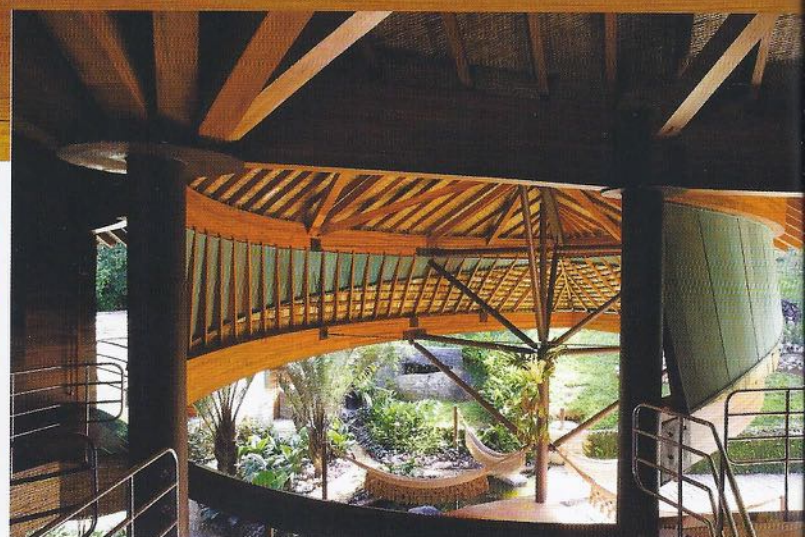
E parte da água da chuva que atinge a casa é reaproveitada para regar os jardins. Tudo graças a uma tubulação de PVC que “se esconde” dentro do pilar central (metálico) da construção. Por esta tubulação de plástico, que vai do telhado ao piso térreo, cai parte da água da chuva. O resto da água da chuva bate no telhado e cai para fora através de um sistema de *spoiler*, em cobre patinado (Dedini), que regula o respingo da chuva e a entrada de ar na casa. “O *spoiler* acompanha toda a borda da piscina. Para vê-lo, é só olhar para cima. Buscamos a inspiração deste sistema na casa dos bandeirantes”, revela Mareines.

Os jardins vêm de fora e entram no coração da casa, contribuindo para a qualidade do ar respirado. “O conceito era claro: a casa tem um jeito muito à vontade de ser e demandava um projeto paisagístico que seguisse esta linha. Daí, a opção por palmeiras nativas, folhas grandes, vários tipos de bromélias...; tudo de fácil manutenção”, conta Marita Adania, responsável pelo paisagismo do projeto, à noite realçado pela iluminação de Airtón Pimenta.

As plantas da parte externa da casa têm suas imagens refletidas na água da piscina, que, de frente, lembra a proa de um barco. Com essa reflexão, a piscina vira um belo espelho d'água.

Ambientes — No piso superior, ficam quatro suítes. Cada “pétala” do telhado corresponde a uma suíte. Cada uma delas com suas leves cortinas e esquadrias que abrem em curva, trabalho realizado pela paulista Eurocentro. Os vidros utilizados são laminados e temperados, com espessura de 12mm. “Os quartos podem ficar completamente fechados — vidros e cortinas —, de forma a não se ver o que está fora; ou com vidros e cortinas totalmente abertos; com os vidros fechados, o ar-condicionado ligado e as cortinas abertas, de modo a se ver o que está no exterior; e com os vidros abertos e as cortinas fechadas, não se





vendo o que está no ambiente externo, mas desfrutando da brisa natural”, explica Mareines.

O guarda-corpo por fora, com nítida referência náutica, é uma segurança para que as pessoas não caiam, quando os vidros estiverem totalmente abertos.

Descendo a escada em balanço, presa no pilar central e toda feita com aço SAC 40, chega-se ao piso térreo, praticamente todo aberto — à exceção da sala de TV, da cozinha e da sala de jantar. Estes três espaços são caixas de vidro, mas que podem ser totalmente abertas. Há também mais uma suíte.

Na parte de trás da casa, encontra-se a varanda posterior. Aqui, voltam as referências indígenas: o local tem um “redódromo” (local onde se concentram redes), perfeito para o descanso de quem acabou de sair da sauna e não quer saber de relógio e compromissos. “Batizei o local de *lounge* brasileiro”, diz Patalano.

A varanda da frente é o ponto focal da construção. Nela, encontra-se a sala de estar da casa, que, ao contrário da maioria, se localiza na parte externa da casa. Uma varanda com uma mesa com 14 lugares, sofá e poltronas rústicos, *cooktop* e churrasqueira, mas sem televisão. “É o ponto de encontro da casa; o local onde o dono, sua família e amigos passam 80% do tempo. Do jeito que nosso cliente queria: convívio informal com pessoas queridas e integração total com a natureza, vivendo o ócio sem culpa”, diz Mareines.

Patalano lembra que o cliente frisava muito que não queria sair de

casa para descansar, conversar, vivenciar a natureza com liberdade... Desejava proximidade entre a natureza e a vida na casa. “Ele falava que não queria ter que ir para uma cabana externa ou um quiosque, uma experiência que já tinha vivido antes. Afinal, ele estava investindo na casa”, conclui.

Elogios — Segundo a dupla de arquitetos, a participação do cliente foi fundamental para o sucesso do projeto. “O cliente é muito especial. Culto e sensível à arquitetura, sempre incentivou nosso campo de experimentações, sem nos embarreirar com medos pessoais”, elogia Mareines.

Mas o maior elogio até hoje não veio do cliente, que, nas palavras dos arquitetos, “adorou o projeto”. Veio, sim, da sua ex-mulher, que, no início das obras, dizia que ele estava louco. “Quando ela viu a casa pronta, disse: ‘Continuo achando que você está louco, mas deu certo’”, lembra Mareines.

Num terreno de frente para a praia, num condomínio com poucas casas — de uma cidade que ainda possui cerca de 300 índios guaranis, na aldeia Sapukai —, plantou-se uma oca, que já deu flor. ■

